

O DOM, A VARIEDADE E A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS



“[1] A respeito dos [dons] espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. [8] Porque a um é dada, pelo Espírito, a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento. [9] A outro, pelo mesmo Espírito, é dada a fé; a outro, pelo mesmo Espírito, dons de curar; [10] a outro, a realização de milagres; a outro, profecia; a outro, o dom de discernir os espíritos; a outro, **variedade de línguas**; e a outro, **interpretação de línguas**. [11] Mas um só Espírito realiza todas essas coisas, distribuindo-as individualmente conforme deseja.” (1Coríntios 12.1, 8-11 – Almeida Século 21)

1. INTRODUÇÃO¹

No período do Novo Testamento a cidade de Corinto, fundada em 44 a.C., era composta por cerca de 600.000 habitantes² e considerada geograficamente e comercialmente muito importante, pois se tratava de uma estação na rota marítima entre o ocidente e o oriente. Corinto, desde tempos antigos, fora um centro de construção de barcos. Durante a época do Império Romano, era o porto-base da marinha romana.

Corinto era uma cidade que possuía grande reputação internacional. Pessoas de todas partes do império afluíam a cidade, para participar na riqueza e no comércio. Essas pessoas traziam consigo sua própria herança cultural, incluindo costumes sociais e religiosos distintos, influenciando fortemente a cultura local. Foi para esta cidade que o apóstolo Paulo se dirigiu, em sua segunda viagem missionária. Uma cidade de tremenda riqueza para poucos, pobreza para muitos e escravidão para a maioria. Uma cidade onde a vida humana era comercializada por pagãos. Uma cidade de pecado tão excessivo, que os gregos inventaram o termo “corintiar”, no sentido de “levar uma vida imoral”.

Paulo fundou a igreja em Corinto por volta do ano 50 d.C. e nela permaneceu por um ano e seis meses (cf. Atos 18.11). Após esse período ele se dirigiu a cidade de Éfeso para iniciar seu ministério de três anos lá (cf. Atos 20.31).

Um adendo importante: Em Corinto, assim como em todos os outros lugares daquela época, os cristãos não tinham um lugar central de reuniões – a única exceção era Jerusalém, onde os cristãos

¹ HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Trad. Cláudio Vital de Souza. São Paulo: Hagnos, 2001. 221-225 p.

² Em seu livro, Broadus David Hale afirma que, dos cerca de 600.000 habitantes da cidade de Corinto, estima-se que somente 140.000 eram livres. Os 460.000 restantes eram escravos. Cerca de 60.000 escravos eram vendidos em um único dia. Por causa do valor dos escravos fortes, eles eram criados como animais. Havia até mesmo um “cercado de refugos”, onde os escravos não desejáveis poderiam ser eliminados.

podiam se reunir nos pátios do templo. Eles se reuniam em casas, salões ou onde quer que pudessem. Havia multidões de cristãos em Corinto, não em uma só grande congregação, mas em muitas congregações pequenas – provavelmente composta por no máximo cinquenta membros³, sendo que cada congregação possuía liderança própria. Essas congregações, segundo parece, com o decorrer dos anos, por causa das inúmeras interpretações filosóficas do cristianismo, se transformaram em grupos rivais que faziam concorrência entre si em vez de cooperar na causa geral de Cristo naquela cidade iníqua⁴ – exemplo de que a presença dos dons espirituais em uma comunidade cristã não é sinônimo de espiritualidade⁵.

Durante o tempo em que estive em Éfeso, talvez motivado por alguma informação trazida por Apolo, o apóstolo Paulo escreve uma carta à igreja coríntia para tratar de alguns assuntos – dentre eles, conselhos para que os cristãos em Corinto não se associassem com as pessoas imorais (cf. 1Coríntios 5.9). Infelizmente essa epístola se encontra perdida. A carta de Paulo foi mal recebida pela igreja em Corinto que a interpretou erroneamente. Seja qual a razão para a falta de compreensão, a igreja escreveu a Paulo e enviou a carta através de Estéfanos, Fortunato e Acaico (cf. 1Coríntios 16.17). Em sua carta e pela boca de seus representantes, a igreja fez algumas perguntas importantes acerca da vida cristã vivida em um mundo pagão, para que Paulo respondesse (cf. 1Coríntios 7.1). Paulo, então, escreveu outra carta – que ficou conhecida como Primeira Epístola aos Coríntios canônica. Atualmente ela tem sido chamada por alguns de a “epístola problemática” do Novo Testamento. A mesma foi levada a igreja por um discípulo, cujo nome não é mencionado.

Uma das perguntas feitas pela igreja em Corinto, ao apóstolo Paulo, fazia referência às manifestações sobrenaturais concedidas como dons da parte do Espírito Santo, durante o culto público (cf. 1Coríntios 12.1). Os coríntios interpretaram mal a espiritualidade ao associá-la com os dons espirituais mais espetaculares – principalmente o dom de línguas. Em sua carta, o apóstolo Paulo apresenta uma explanação básica sobre o dom de línguas espirituais (cf. 1Coríntios 14.1-4) e enfatiza a necessidade de que ele deve ser exercido no contexto da igreja (cf. 1Coríntios 14.5-40). A análise particular desse dom é o objeto do presente estudo.

2. DEBATES SOBRE A FUNCIONALIDADE DO DOM DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS

Há diversidade de dons espirituais concedidos pelo Espírito Santo (cf. 1Coríntios 12.4). Eles são diversos na forma e no objetivo que devem atingir. Normalmente os dons espirituais são distinguidos em três categorias: a) os **dons essenciais** – que todo cristão precisar ter; b) os **dons funcionais** –

³ KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos: NT*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 500 p.

⁴ HALLEY, Henry Hampton. *Manual bíblico de Halley: Nova Versão Internacional*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001. 615-616 p.

⁵ Os membros da igreja em Corinto, mesmo possuindo todos os dons (cf. 1Coríntios 1.7), foram considerados pelo apóstolo Paulo como “*pessoas carnis*”, “*crianças em Cristo*” (cf. 1Coríntios 3.1-3a).

necessários para estruturar e coordenar o ministério contínuo da igreja; e c) os **dons dinâmicos** – considerados como dons “espetaculares”, são os de mais difícil interpretação para os cristãos. O dom de línguas espirituais faz parte desse último grupo.

O dom de línguas espirituais é particularmente debatido na cristandade de hoje. Muitos estudiosos dizem que as línguas espirituais são manifestações de êxtase. Outra interpretação é que as línguas espirituais, no tempo do Novo Testamento, eram referência a outros idiomas. Alguns cristãos carismáticos entendem que devem tornar esse dom normativo para todos os cristãos. Outros intérpretes creem que o dom de línguas espirituais cessou no fim da era do Novo Testamento. Alguns consideram as línguas espirituais como um dom reservado a poucos cristãos, para lembrar todo o corpo de Cristo da necessidade de usar as emoções humanas como meio de desenvolver a espiritualidade.

Para resolver esse impasse, necessitamos conhecer os elementos que fazem parte da constituição do texto bíblico que trata desse assunto. Precisamos decifrar o “subconsciente do texto”, isto é, descobrir o que o texto mantém nas entrelinhas e quais são as suas intenções. Mas para chegarmos lá é preciso esquadrihar o texto, perguntando-se pelo autor, pelo destinatário original, a intenção do autor, o conteúdo da obra, quem é o destinatário atual, quem lê o texto hoje, como decifrar as partes “obscuras” do texto, e qual a intenção do leitor atual ao lê-lo. São questões que devem ser respondidas se quisermos uma análise séria de um assunto tão controverso como o dom de línguas espirituais.

3. O LIVRO DE ATOS NÃO SERVE À CONSTRUÇÃO DE FÓRMULAS TEOLÓGICAS

O livro de Atos, do grego *πράξις* (*práxis* = “prática”, “exercício”, “execução”, “realização”) – como o próprio nome diz – é um livro de experiências, não de doutrinas. Experiências não são padronizáveis, não podem ser absolutizadas na sua forma: só doutrinas têm tal possibilidade. Se erguêssemos doutrinas com base em Atos, imagine que doutrinas – como a da conversão – ganhariam lugar sem precedentes – como o ocorrido na vida e experiência de Paulo. Porque se há experiência de conversão extraordinária e fenomenológica, em Atos, esta é a do apóstolo Paulo que, ao se converter, “... *subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor e, caindo por terra ouviu uma voz (...) e ficou cego (...)*” (cf. Atos 9.3-9). Baseado nisso poderíamos pregar sobre “os sintomas e evidências de uma genuína conversão”, no qual afirmaríamos o seguinte: “o homem genuinamente convertido é aquele que viu uma luz no céu, ouviu uma voz e ficou cego durante o período de três dias”. Se a conversão de Paulo virasse um padrão doutrinário-experiencial, iria criar duas realidades: um grande grupo de neuróticos procurando viver, sentir e produzir os mesmos fenômenos de conversão; e um grupo de mentirosos afirmando que experimentaram tais fenômenos. É preciso tomar cuidado, pois transformar experiências subjetivas em padrões doutrinários pode gerar uma catástrofe.

Portanto, o livro de Atos nos impossibilita de fazer a construção de qualquer fórmula teológica sobre o conceito e funcionalidade dos dons de línguas espirituais. O livro não oferece doutrinas, apenas relata experiências, e estas não obedecem a um padrão.

A doutrina sobre o conceito e funcionalidade dos dons de línguas espirituais tem que ser erguida com base nas cartas doutrinárias, não em Atos – que se trata apenas de uma narrativa histórica. Não obstante, não podemos construir doutrinas em Atos e confirmá-la nas cartas. O contrário é que é o correto. Em Atos há somente fatos, não a interpretação teológica deles.

4. OS CONTEXTOS HISTÓRICO E CULTURAL⁶

Ainda que menos importante que em outras partes de 1Coríntios, os contextos histórico e cultural podem ajudar o estudante moderno a avaliar devidamente de que maneira os primeiros leitores encaravam a prática do dom de línguas espirituais em sua cultura.

No mundo antigo, palavras articuladas em êxtase eram vistas como sinal de possessão pelos deuses. A epilepsia era tida como uma “doença divina”⁷ e o resmungar de sacerdotisas drogadas, em determinados oráculos, como o de Delfos⁸, era considerado transmissão de mensagens dos deuses. Paulo se refere a isso ao observar que, quanto aos pagãos e ignorantes, “*ainda quando gentios, éreis induzidos e levados para os ídolos mudos*” (1Coríntios 12.2). O problema era que essa atitude em relação ao dom persistiu nos convertidos ao cristianismo. Em decorrência, dons especiais como os de línguas eram considerados por muitos em Corinto como evidência do contato íntimo com Deus. Os portadores desse dom eram tidos como mais espirituais que outros – principalmente quando proferiam “discursos em êxtase” durante os ajuntamentos solenes.

Aqueles que falavam em línguas espirituais pareciam ter um dote especial do Espírito, da mesma forma que os oráculos associados aos templos pagãos que entravam em um êxtase semelhante. Até mesmo quando seus dons contradiziam as verdades fundamentais do cristianismo, alguns estavam suficientemente espantados para acreditarem neles. E considerando a crença de muitos judeus de que o discurso carismático era a linguagem dos anjos, nenhum crente judeu da igreja de Corinto desafiaria a admiração que aparentemente sentiam por aqueles que tinham o dom de línguas espirituais. Além disso, a competitiva exaltação das “línguas” havia levado a uma completa desordem nas reuniões da

⁶ RICHARDS, Lawrence O. *Guia do leitor da Bíblia: Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit (Gênesis a Isaías) e Arsênio Novaes Netto (Jeremias a Apocalipse). Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 768-770 p.

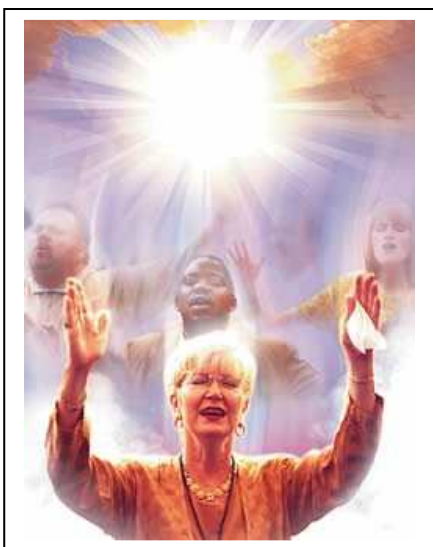
⁷ No período neotestamentário, principalmente em Corinto, era comum a crença de que pessoas com epilepsia sofriam da “doença divina” e se acreditava que elas estivessem próximas de alguma divindade.

⁸ O **Oráculo de Delfos** era dedicado principalmente a Apolo e centrado num grande templo, ao qual vinham os antigos gregos para colocar questões aos deuses. Delfos era um recinto e um complexo de construções num terreno sagrado para os antigos gregos, onde havia um templo consagrado ao deus Apolo. Neste templo, as sacerdotisas de Apolo faziam profecias em transes. As respostas e profecias ali obtidas eram consideradas verdades absolutas. Hoje, suspeita-se que os transes e visões das sacerdotisas eram provocados por gases emitidos por uma fenda subterrânea no local (Wikipédia). As sacerdotisas aspiravam as exalações vulcânicas que se elevavam até o seu cubículo e proferiam a mensagem ininteligível do deus que era, então, interpretado pelos sacerdotes.

congregação. É contra esse contexto cultural que o apóstolo Paulo desenvolveu ensinamentos sobre a verdadeira espiritualidade, dons espirituais e o exercício adequado dos dons de línguas.

Em sua carta, Paulo é bem claro ao afirmar que, ao contrário do que pensavam os cristãos em Corinto, nenhum dom indica que uma pessoa seja mais possuidora do Espírito Santo que outra, pois o mesmo Deus é quem opera tudo em todos (cf. 1Coríntios 12.4-7). O apóstolo é enfático ao assegurar que os dons operam através dos crentes, para seu bem comum (cf. 1Coríntios 12.1, 7; 14.1). Os dons funcionam no interior da igreja para um fim proveitoso do corpo.

5. O DOM DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS OU GLOSSOLALIA



Em primeiro lugar, ao examinarmos 1Coríntios 12–14 será importante entender que a questão discutida pelo apóstolo Paulo não é relativa aos “dons espirituais” apenas. Na realidade, Paulo está mais preocupado com tópico mais abrangente da espiritualidade. Afinal, o que é espiritualidade? O que os dons espirituais têm a ver com a espiritualidade? Como podemos reconhecer que um indivíduo verdadeiramente espiritual está entre nós? E, finalmente, o que podemos afirmar sobre esse “dom de línguas” que alguns afirmam ser capaz de torná-los melhores que os outros?

Uma mostra do pensamento de Paulo pode ser notada logo no primeiro versículo do capítulo 12 de 1Coríntios: “*A respeito dos [dons] espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes*”. No texto grego não se tem o correspondente para “dons” e a frase é τῶν πνευματικῶν (*tōn pneumatikōn* = “o espiritual”). Dessa forma, será melhor considerar a proposição de Paulo como “*A respeito das coisas do Espírito*”, ou ainda melhor “*A respeito da espiritualidade, não quero, irmãos, que sejais ignorantes*”⁹.

Os coríntios possuíam todos os dons (cf. 1Coríntios 1.7)¹⁰, mas eram ignorantes quanto ao uso. O termo “ignorante”, do grego ἄγνοια (*ágnōia*), significa, literalmente, “*falta de conhecimento ou percepção*”, “*não entender, desconhecer*”. Refere-se ao ato de “*errar ou pecar por falta de entendimento*”¹¹. Esse tipo de ignorância – que o apóstolo Paulo estava a ponto de dissipar – continua

⁹ RICHARDS, Lawrence O.. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 345-347 p.

¹⁰ Nenhum dom estava ausente na igreja em Corinto, mesmo em condições em que as características básicas do espírito de partidarismo eram evidentes, em que os padrões morais eram desprezados, em que as mulheres competiam com os homens e os ricos desprezavam os pobres.

¹¹ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

sendo a marca que caracteriza, atualmente, inúmeras pessoas dentre o povo de Deus, que possuem pouco conhecimento sobre o Espírito de Deus e a interação que Ele busca ter com os Seus.

Não é de admirar que os coríntios estivessem confusos sobre a espiritualidade. Atualmente, cerca de 2.000 anos depois, muitos cristãos também estão confusos. O mimetismo¹² religioso ainda persiste. A má compreensão do dom de línguas espirituais é capaz de provocar verdadeiros desajustes nas mentes mais frágeis e suscetíveis ao engano, como o caso de um jovem que me escreveu certa vez relatando que, por causa da má compreensão do dom, ele estava pensando – literalmente – em cometer suicídio. E um dos motivos para essa confusão é que, quase sempre, não é feita a análise do “dom de línguas” dentro do seu primitivo significado semântico, como veremos a seguir.

A expressão *glossolalia*, do grego γλωσσα (*glōssa* = “língua indecifrável”) + λαλέω (*laléō* = “falar”, “emitir uma voz ou um som”) é o termo que utilizamos, dentro do contexto da teologia sistemática, ao analisarmos o chamado “dom de línguas”. Nesse termo, o vocábulo λαλέω (*laléō*) está de alguma forma correlacionado com o vocábulo αλγία (*algía* = “sentir dor física”, “estar aflito”, “inquieta”). Isso nos leva a entender que o fenômeno da *glossolalia* é, de certo modo, semelhante ao impulso de uma pessoa que fala (se expressa) motivada pela dor física. Assim como uma pessoa que, ao ficar exacerbadamente emocionada, fica sem palavras e chora, a pessoa que tem a vida impactada pela presença de Deus é impulsionada, pelo Espírito Santo, a se expressar de uma forma que só Deus a entenderá, visto que ela estará falando mistérios com Deus (cf. 1Coríntios 14.2).

O filósofo judeu Fílion descreveu o momento em que uma pessoa fala em línguas espirituais como sendo Deus possuindo seus profetas e dominando completamente suas faculdades racionais durante o período de êxtase. Por contraste, o apóstolo Paulo ensina que o fenômeno do dom de línguas espirituais utiliza as faculdades racionais, pois “o espírito dos profetas está sujeito ao controle dos profetas” (1Coríntios 14.32) e a mente humana não é forçada a ficar imóvel, inativa.¹³ Sob a supervisão do Espírito Santo, os receptores dos dons estão no controle total de suas aptidões mentais e são responsáveis por seu uso.

O dom de línguas espirituais é semelhante ao modo que o Espírito Santo nos assiste em nossa fraqueza – quando não oramos como convém – com “gemidos inexprimíveis” [do grego ἀλαλήτοις (*alalétois* = “que não pode ser expresso em palavras”)] (cf. Romanos 8.26). Trata-se de um fenômeno em que o indivíduo se expressa em uma língua por ele desconhecida, em geral inexistente, tida como de origem divina. Essas falas são caracterizadas pela repetição da cadeia sonora, sem qualquer significado sistemático e, ainda, com raras unidades linguísticas previsíveis, sendo o falante incapaz de

¹² **Mimetismo.** Proveniente do termo grego μιμητής (*mimetés*) que significa “imitação”. Era originalmente usado para descrever pessoas que possuíam características que as confundiam com pessoas diferentes.

¹³ KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 500 p.

repetir qualquer dos enunciados já pronunciados. A pessoa portadora do dom profere sons ininteligíveis e palavras sem nexos, que se tornam compreensíveis apenas para quem possui o dom de interpretação de línguas¹⁴, isto é, a capacidade de entender e explicar as palavras de alguém que fala em línguas espirituais.

O “dom de línguas” (*glossolalia*) é sobrenatural e, portanto, não é uma referência a línguas humanas, que poderiam ser aprendidas e interpretadas sem a ajuda divina. Não devemos confundir-lo com *xenoglossia*, do grego *χενός* (*chenós* = “estranho, estrangeiro”) + *γλῶσσα* (*glōssa* = “língua indecifrável”), que se refere a um suposto fenômeno metapsíquico no qual uma pessoa seria capaz de falar idiomas que nunca aprendeu, como, por exemplo, uma pessoa começar a falar alemão fluentemente sem nunca ter aprendido alemão, ser alemão ou conviver com alemães.

6. A DIFERENÇA ENTRE OS VOCÁBULOS “GLÔSSA” E “DIALÉKTOS”

Quando estudamos a *glossolalia*, não podemos deixar de considerar que, diferente da língua portuguesa, no grego, a palavra “língua” possui dois vocábulos: *γλῶσσα* (*glōssa* = “língua indecifrável”) e *διαλέκτος* (*dialéktos* = “língua pátria, idioma”). Na narrativa do livro de Atos, e evangelista Lucas afirma que todos os que ficaram cheios do Espírito Santo começaram a **falar** em língua – *γλῶσσα* (*glōssa* = “língua indecifrável”) – conforme o Espírito lhes concedia que falassem (cf. Atos 2.4). Porém, a multidão que se aglomerou, **ouvía** cada um falar na sua própria língua – *διαλέκτος* (*dialéktos* = “língua pátria, idioma”). Naquele momento, houve uma espécie de “tradução simultânea” fenomenológica, onde *γλῶσσα* (*glōssa*) foi “traduzida” para *διαλέκτος* (*dialéktos*), permitindo que todos os ouvintes compreendessem a fala dos discípulos. Esse evento não se repete, igualmente, em nenhuma outra passagem bíblica. Porém, o apóstolo Paulo, em 1Coríntios 12 a 14, dá uma série de recomendações e exortações para o uso adequado da *glossolalia*.

7. O DOM DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS NÃO É UNIVERSAL

A evidência de falar em línguas não pode ser imposta como regra. O Senhor Jesus andava sempre no poder do Espírito Santo (cf. Lucas 4.14) e nunca falou em línguas. O apóstolo Paulo, através de perguntas retóricas, demonstra que nem todo cristão em Corinto era capaz de falar em diversas línguas, assim como nem todo cristão era capaz de interpretá-las: “*Ora, vós sois o corpo de Cristo e seus membros em particular. E a uns pôs Deus na igreja, **primeiramente**, apóstolos, em **segundo lugar**, profetas, em **terceiro**, doutores, **depois**, milagres, **depois**, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas*¹⁵. Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos

¹⁴ VINE, W. E.. *Comentário bíblico Atos: Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 522-523 p.

¹⁵ Repare que na lista decrescente de dons, citada pelo o apóstolo Paulo, o dom de línguas espirituais ocupa a última posição.

doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos?” (1Coríntios 12.27-30).

Uma observação importante: Os exemplos bíblicos só têm autoridade quando amparados por uma ordem (mandamento) da própria Palavra. Existe uma regra hermenêutica que não pode ser quebrada: **“interprete a experiência pessoal à luz da Escritura, e não a Escritura à luz da experiência pessoal”**. Portanto, não há base bíblica para a doutrina histórica dos pentecostais de que uma pessoa tem que falar em línguas espirituais como sinal de que ela está cheia do Espírito Santo ou até mesmo de que ela é cristã.

8. O DOM DE VARIEDADE DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS

Entre a diversidade de dons espirituais há o dom de variedade de línguas espirituais (cf. 1Coríntios 12.10, 28). O termo “variedade”, do grego γένος (*génos* = “linhagem, gênero, espécie”) faz alusão a *“diversas espécies de glossolalia efetuadas pelo Espírito Santo”*¹⁶.

O dom de variedade de línguas espirituais se refere as inúmeras e diversas formas pelo qual Deus permite que flua ou manifeste o dom de línguas. Há uma incalculável possibilidade de formas de linguagem através do qual o dom de línguas espirituais pode se manifestar.

9. O DOM DE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS

O dom de interpretação de línguas espirituais (cf. 1Coríntios 12.10) é o que dá sentido prático para o dom de línguas e sua variedade no meio da comunidade. Sem ele o fenômeno da glossolalia não tem espaço no culto público. Por se tratar de um dom doméstico, ele edifica apenas quem o possui. Se não houver interpretação, do grego ἑρμηνεία (*hermêneía* = “tradução, explicação do que foi dito mais ou menos obscuramente por outros”¹⁷), o dom de línguas espirituais se torna totalmente inútil.

Embora Paulo, claramente, não seja contra o falar em línguas espirituais (cf. 1Coríntios 14.5, 18), ele salienta que o valor dos dons deve ser julgado por sua utilidade em um determinado ambiente. De acordo com o apóstolo, se não houver intérprete durante os ajuntamentos solenes, o cristão que possui o dom de línguas espirituais fica proibido de exercer o seu dom em público, devendo ficar calado na igreja e falar apenas consigo mesmo e com Deus (cf. 1Coríntios 14.28), isto é, de modo que só ele e Deus podem ouvi-lo. Essa ordenança, aparentemente áspera, é colocada por Paulo como *“mandamento do Senhor”* (cf. 1Coríntios 14.37). Somente quem é espiritual possuirá entendimento necessário para cumpri-lo.

10. O DOM DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS COMO SINAL PARA OS INCRÉDULOS

¹⁶ HAUBECK, Wilfrid & SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus - Apocalipse*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Targumim & Hagnos, 2009. 1029 p.

¹⁷ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

“Desse modo, as línguas são um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos. A profecia, porém, não é um sinal para os incrédulos, mas para os crentes. Se, pois, toda a igreja se reunir num lugar e todos falarem em línguas, e entrarem pessoas não instruídas ou incrédulos, por acaso não dirão que estais loucos? Mas, se todos profetizarem, e alguma pessoa incrédula ou não instruída entrar, será por todos convencida de seu pecado e julgada. Os segredos do seu coração se tornarão manifestos. E assim, prostrando-se, com o rosto em terra, adorará a Deus, afirmando que, de fato, Deus está entre vós.” (1Coríntios 14.22-25 – Almeida Século 21)

A intenção dos versículos acima é sempre motivo de amplos debates. Se parafrasearmos assim: “Os incrédulos veem o dom de línguas como um sinal, mas os crentes, não”, a confusão terá sido eliminada. Essa leitura também deixa clara a instrução de Paulo. Os incrédulos podem ficar impressionados com um sermão arrebatador, mas se assistirem a uma reunião na igreja onde todos falam em outras línguas, possivelmente nada compreenderão. Por outro lado, se ouvirem a Palavra de Deus, transmitida normalmente, serão persuadidos e se converterão.

Quanto aos estrangeiros, as “línguas” podem lhes servir como um alerta inicial da presença de Deus, mas se os estrangeiros posteriormente visitarem a igreja e todos estiverem falando diferentes línguas, essa impressão inicial logo desaparecerá e o visitante concluirá simplesmente que essas pessoas ficaram loucas! Se o visitante ouvir a Palavra de Deus ensinada em sua própria língua, ele ficará convencido e se converterá.

Feita a explanação didática, Paulo passa a descrever o comportamento ideal em uma reunião litúrgica. Todo mundo tem algo a contribuir. Ninguém deve falar em outra língua, a não ser que haja alguém com o dom de interpretação. As manifestações em outras línguas não devem ser proibidas, mas o exercício desse dom deve ser regularizado como, aliás, toda a atividade litúrgica deve ser (cf. 1Coríntios 14.3-40). Em resumo a regra é: não condene nem abuse de qualquer dos dons espirituais.

Uma pergunta que normalmente se faz presente nos mais variados círculos cristãos: **os dons de línguas espirituais e o de profecia devem cessar?** Eles cessarão “quando vier o que é perfeito, completo” (cf. 1Coríntios 13.10), ou seja, no fim da presente era, quando, então, o conhecimento e o caráter do crente se tornarão perfeitos na eternidade, depois da segunda vinda de Cristo (cf. 1Coríntios 1.7; 13.12). Não há base bíblica para a defesa do **cessacionismo**¹⁸. Tampouco a Palavra de Deus é a favor do **sensacionalismo**¹⁹ que se faz em cima de pseudas manifestações do Espírito Santo. A Bíblia sempre prega e defende o **equilíbrio**. Deus opera como, quando e onde Ele quer, sem precisar pedir

¹⁸ **Cessacionismo.** É a visão cristã de teólogos reformados e batistas fundamentalistas, geralmente de origem puritana. Formulam que alguns dons do Espírito Santo foram úteis apenas para os primórdios da igreja cristã, tendo cessado essa manifestação no período da Igreja Primitiva. É unânime entre os cessacionistas que o dom de línguas, nos moldes do falar em línguas espirituais, se encerrou nos tempos apostólicos. (Wikipédia)

¹⁹ **Sensacionalismo.** Se caracteriza pelo uso e efeito de assuntos fora de série; maravilhosos, espetaculares; capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública, sem que haja qualquer preocupação com a veracidade. (Dicionário Houaiss)

licença para isso. Mas tome cuidado com os que se arrogam ter a agenda e o controle das manifestações de Deus.

11. O DOM DE LÍNGUAS ESPIRITUAIS NOS DIAS ATUAIS

O apóstolo Paulo não desejava colocar o dom de línguas espirituais em destaque. Na realidade, ele estava um pouco aborrecido pela evidência que o dom havia ganhado. Para o pastor norte americano John Stephen Piper, um dos mais influentes pregadores batistas e autores do século 21, o apóstolo teve que colocar limites ao invés de promover o dom.

De acordo com Piper, nos dias atuais o dom de línguas espirituais é um tipo de expressão que acontece quando o coração do cristão está cheio, transbordando no Espírito Santo, a tal ponto dele soltar a língua para expressar sílabas que possuem valor espiritual para ele. E se houver alguém com o dom de interpretação, essas sílabas adquirem um valor espiritual para os demais. Porém Piper faz uma ressalva. Ele lembra que o apóstolo Paulo ensinou que, se não houver intérprete presente, o cristão não deve falar em línguas em público. E que a maneira como o dom de línguas espirituais é usado em público atualmente, como uma espécie de êxtase coletivo, não tem base no Novo Testamento²⁰. Nos dias atuais, o dom de línguas espirituais costuma ocupar certa proeminência – principalmente em igrejas pentecostais – pelo fato dele ser tão estranho, tão raro, tão extraordinário. Mas isso não é algo normativo no Novo Testamento.

12. CONCLUSÃO

Os dons espirituais mais espetaculares, como as “línguas”, não representam, absolutamente, qualquer evidência de superioridade espiritual. A pessoa verdadeiramente espiritual é caracterizada pelo amor. E o amor “*é sofredor, é benigno... não é invejoso... não trata com leviandade, não se ensoberbece*” (cf. 1Coríntios 13.1-4). O pronunciamento de alguém, quando proferido em êxtase, não representa prova vital da presença do Espírito Santo. Então, o que seria? A resposta é que o relacionamento da pessoa com Jesus é a prova da presença do Espírito. Aquele que reconhece Jesus como Senhor e Salvador é guiado pelo Espírito Santo e assim demonstra a Sua presença.

Em resumo, a pessoa espiritual demonstra qualidades em todos os seus relacionamentos, fazendo um contraste direto com as atitudes e comportamentos daqueles que parecem estar dispostos a estabelecer seu próprio prestígio na comunidade da fé. No que concerne à igreja, a pessoa que instrui através de palavras inteligíveis edifica os outros, enquanto a pessoa que fala através de línguas espirituais pode edificar a si próprio, mas não está fazendo nenhuma contribuição aos outros (cf. 1Coríntios 14.1-19). Dessa forma, o dom de línguas espirituais pode ser considerado – por causa das restrições quanto ao uso – como um dom doméstico e de uso particular.

²⁰ PÃO & VINHO. O dom de línguas na visão de John Piper. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?v=10202043346703166>. Acesso em: 02/11/2013.

A igreja não é proibida de falar em línguas espirituais, pois se trata de um válido dom espiritual. O que a igreja de Corinto teve que aprender – a igreja de nossos dias também – é estruturar a reunião a fim de que a ordem seja mantida. Aqueles que têm dons espirituais devem receber uma estrutura dentro da qual possam ministrar a todos (cf. 1Coríntios 14.39-40). A fala inteligível beneficia a outros quando proferida em culto público, ao passo que a fala ininteligível, por mais inspirada que ela seja, só traz benefícios em caráter particular, ou quando é interpretada. A inteligibilidade é o segredo da edificação dos outros (cf. 1Coríntios 14.6-12).